



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RONDÔNIA

**AUTOESTIMA NA EJA: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS¹**

Adriana Silva da Costa²
Paulo Severino da Silva³

Resumo: Essa pesquisa visa o estudo da autoestima em relação ao processo de aprendizagem dos alunos da EJA e sua influência na não evasão escolar nessa modalidade de ensino. Desse modo, no tópico dois desse artigo discorrer-se-á sobre a epistemologia da palavra autoestima. Nas práticas pedagógicas, será dado ênfase aquelas que consideram as relações interpessoais em sala de aula de forma a desenvolver no aluno uma visão sistêmica da escola e de seu papel, relação esta que facilita sua integração com a comunidade, professores e colegas através de uma colaboração confiante e pertinente. Por fim, se trará a discussão Paulo Freire, que destaca a impossibilidade de existir uma prática educativa sem conteúdo. É importante que o ensino dos conteúdos esteja associado a uma leitura crítica da realidade que desvele a razão dos inúmeros problemas sociais. A pedagogia de Paulo Freire, é relevante sobre a metodologia que deve ser usada pelos educadores da EJA. Visando uma prática condizente com as especificidades e necessidades dos indivíduos que dela fazem parte. Refletir sobre a prática pedagógica do Educador em EJA, deve considerar o olhar Freireano que nos leva a rever estratégias de ação, troca de experiências, propositura de políticas e até mesmo assumir o papel de uma Pedagogia capaz de transformar esse cidadão.

Palavras-chave: EJA – Práticas Pedagógicas – Autoestima – Paulo Freire

¹ Trabalho apresentado para conclusão de curso de Pós Graduação Lato Sensu em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social – EAD.

² Licenciada em Pedagogia - AVEC (2005), especialista em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar – AJES (2009). Licenciada em Letras - UNIR. adriana.silva.costa@outlook.com

³ Orientador graduado em Educação Física CEULJI/ULBRA, especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior – FAROL e mestrando em Educação Escolar – UNIR. paulo.silva@ifro.edu

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa visa o estudo da autoestima em relação ao processo de aprendizagem dos alunos da EJA e sua influência na não evasão escolar nessa modalidade de ensino.

No Brasil, a educação é um direito constitucional de todos os cidadãos em idade escolar e, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), mesmo aqueles que não tiveram acesso ou continuidade aos estudos no ensino fundamental e médio, na idade própria, terão esse direito assegurado. Para tanto, os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos as oportunidades educacionais apropriadas considerando as características dos alunos, seus interesses, condições de vida e de trabalho.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio que recebem os jovens e adultos que não completaram a Educação Básica em idade apropriada.

O interesse pelo tema em questão, *Autoestima na EJA: um olhar sobre as práticas pedagógicas* surgiu a partir do contato direto com a educação de jovens e adultos ministrada na escola onde trabalho e a observância da evasão escolar atrelada também a questão da baixa autoestima. A partir dessa premissa, houve então, análises teóricas e aprofundamento sobre o tema em questão.

Este artigo buscará analisar a autoestima na EJA visando compreender a baixa autoestima do aluno, considerando que esta pode trazer consigo dificuldades de aprendizagem e desistência escolar. O presente trabalho considerará a metodologia de Freire como uma importante prática docente e que tem influência na aprendizagem dos alunos. É de extrema importância nessa modalidade de ensino práticas pedagógicas que considerem o contexto histórico e social dos alunos.

A autoestima de jovens e adultos na EJA, demanda um professor que seja um profundo conhecedor de uma metodologia pedagógica e de uma didática que o faça pensar sobre como elevar a autoestima do educando, tendo como objetivo fazê-lo compreender que todos possuem a capacidade de aprender.

2. A AUTOESTIMA E O ESPAÇO EDUCACIONAL

Para se trabalhar ou desenvolver a autoestima dentro do ambiente educacional é necessário ter bem definido o que o próprio conceito significa. Cabe então, discorrer sobre essa epistemologia da palavra autoestima.

Júnior (2010, p. 9) em referência a Branden (2000) apresenta autoestima como disposição para experimentar a si mesmo como alguém competente para lidar com os desafios básicos da vida e ser merecedor da felicidade. Conceito propício ao público da EJA, que sendo já um público experimentado deve ser capaz de lidar com os desafios básicos da vida.

Será que nossas atitudes formam nossa autoestima ou nossa autoestima direciona nossas atitudes? (2010, p. 11). Refletir sobre essa perspectiva de atitude *versus* autoestima, sugere-nos uma definição como de Aragón e Diez (2004), citados por Júnior, que trazem a autoestima como:

[...] o que pensamos de nós, a forma pela qual nos avaliamos e aceitamos e os sentimentos que experimentamos a esse respeito, bem como o modo com o qual nos comportamos em relação a nós mesmos como resultado de tudo isso. (*apud* JÚNIOR, 2010, p. 11)

A autoestima vem sempre relacionada com o olhar que o indivíduo tem de si mesmo, e em se tratando de alunos da Educação de Jovens e Adultos cabe avaliar seus comportamentos, suas atitudes, suas reações e tentar associá-las a informações já existentes a esse respeito. Ainda este autor, discorre sobre definição de vários outros autores sobre o conceito de autoestima, exemplo de Oliveira (1994, *apud* JÚNIOR, 2010, p. 11) que assevera que “a autoestima é abordada em termos de uma atitude valorativa do indivíduo com relação a si mesmo”. Outros exemplos são:

A autoestima faz parte de nossas atitudes [...] Nossa atitude com relação a alguma coisa ou pessoa é o que pensamos e sentimos sobre ela, a forma pela qual a avaliamos e aceitamos e a maneira como conseqüentemente agimos como referência a ela. (Aragón e Diez, 2004, *apud* JÚNIOR, 2010, p.10)

A autoestima não é um dado definitivo. Ela é uma dimensão de nossa personalidade eminentemente móvel: mais ou menos alta, mais ou menos estável, ela precisa ser alimentada com regularidade. (Christophe e Lelord, 2003, *apud* JÚNIOR 2010, p. 11)

O modo como a pessoa se vê, abrange todos os aspectos do seu ser: físico, mental, espiritual, familiar, social e outros. E em cada um desses aspectos, pode alojar-se uma causa de baixa estima. Desse modo, as possíveis causas de baixa estima são tantas quantas são as dimensões ou áreas da vida. (Pereira, 2004, *apud* JÚNIOR 2010, p. 12)

Analisando as definições de autoestima, chegamos a conclusão que o professor, como formador de opinião, pode influenciar na estima do discente e que como profissionais capazes e competentes influirão positivamente para a elevação dela e não o seu contrário. Conforme Pereira (2004 *apud* JÚNIOR 2010, p.12) “sem dúvida, a estima que a pessoa tem por si mesma, é dinâmica como a vida e precisa ser protegida e nutrida”.

Atingido esse objetivo de desenvolver a autoestima no aluno da EJA, cabe ao professor inserir práticas pedagógicas em sala de aula que fortaleçam esse valor nos discentes, de maneira tal que incidam na conclusão satisfatória dessa modalidade de ensino pelos alunos.

3. RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A AUTOESTIMA DO ALUNO DA EJA

Quando se fala em práticas pedagógicas, uma das práticas que tem culminado em resultados positivos, refere-se àquelas que consideram as relações interpessoais em sala de aula. Conforme Medeiros (2012, p. 129) em referência a Celso Antunes, entre as múltiplas possibilidades de como ensinar, as relações interpessoais têm um papel preponderante no sentido de proporcionar uma interação entre os sujeitos. Podem ser definidas como o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e as linguagens, estabelece laços sólidos nas relações humanas.

Ainda em referência a Antunes, Medeiros (2012, p.129) afirma que a escola deve trabalhar as relações interpessoais para desenvolver no aluno uma visão sistêmica da escola e de seu papel, mas também para facilitar sua integração com a comunidade, professores e colegas através de uma colaboração confiante e pertinente.

Não descartando outros pontos de vista, mas considerando aqui essas assertivas, e a própria prática docente com alunos da EJA, entendemos que o professor deve desenvolver em sala de aula atividades e produção de conhecimentos de forma a considerar o histórico de vida dos alunos.

Medeiros (2012, p. 129), tipifica que os estudantes adultos frequentam a sala de aula em busca de vivenciarem na prática, um modo de se perceber capaz em algo. Ainda segundo Medeiros:

Nessa situação é de praxe que a autoestima seja trabalhada, de forma a conceder ao aluno prazer e estímulo nessa volta à sala de aula. Bem como ser utilizado o conhecimento que trazem consigo, a sua bagagem de vida. Diante disso, percebem que se faz necessário os conhecimentos trazidos pelos alunos da EJA, pois esses conhecimentos já adquiridos no decorrer da vida são de grande valia para seu desenvolvimento pedagógico. A autoestima deve ser trabalhada diariamente em sala, é de fundamental importância para a permanência destes alunos que, timidamente, retornam aos bancos escolares, com a garra e a vontade de se formarem para “ser alguém na vida”. Pois o fracasso escolar está intimamente ligado à desmotivação, por parte dos alunos, no que se refere à continuidade dos estudos (MEDEIROS, 2012, p. 129).

O aluno que é público da Educação de Jovens e Adultos, traz junto ao seu retorno ao banco escolar, saberes empíricos que uma vez desconsiderados, influenciam no olhar que o discente terá sobre o ambiente escolar e a própria sala de aula. Se o seu saber for considerado de menos valia, esse descarte por parte do professor incidirá em desinteresse e evasão escolar.

É fundamental a compreensão de que trabalhar a autoestima dos alunos, não se resume a elogios e incentivos, mas em explorar os fatores emocionais que são condicionantes para esse homem ou esta mulher estarem na condição de aluno.

Esse resgate deve ser feito passo a passo, dia a dia, de uma forma contínua e dinâmica, reconstruindo a sua imagem, respeitando as suas diferenças e particularidades e extraindo o melhor delas, compreendendo também as suas limitações. Dessa forma, uma reação em cadeia poderá se formar, quando o aluno é respeitado e aceito como pessoa única e singular, facilmente retribuirá o mesmo tratamento ao professor que valorizado continuará a motivá-los em um ambiente favorável ao aprendizado e a percepção do aluno de sua capacidade e de seu amor próprio. A sala de aula será o meio gerador das mudanças, mas somente o indivíduo poderá ao introjetar esses estímulos fortalecer sua autoestima. A escola deve contemplar em seu currículo pontos relacionados ao incentivo a valorização pessoal. Deve desempenhar um papel sério e decisivo na vida de um aluno que recebeu tantos — não externos e internos. Através de um ensino libertador e valorativo o educando poderá dizer muitos — sim para si mesmo e para a vida, para sua liberdade de pensar, de conquistar e conseqüentemente de aprender a ser não só um estudante, mas um cidadão atuante e realizado como pessoa. (MEDEIROS, 2012, p. 129)

A escola, deve voltar-se para o aluno da EJA de forma a entender que como discorre Silva (2015, p. 9) perceber o assunto da autoestima dentro do sistema educacional para a EJA é voltar-se para o indivíduo que busca um conhecimento que se firma através do sentir-se bem consigo mesmo. E partindo da premissa que a atividade educacional deve ser precedida pela emoção, ou seja, precisa despertar um sentimento que motive o aluno a aprender.

Em seu artigo Autoestima na Educação de Jovens e Adultos, Silva (2015, p. 9) afirma que as atividades oferecidas aos alunos da EJA devem dirigir-se aos interesses e possibilidades de cada um, a fim de que os momentos vividos durante as atividades sejam de prazer, havendo assim um bom retorno em relação a sua autoestima.

4. A PRÁTICA DOCENTE NA EJA E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UM OLHAR EM FREIRE

Quando se discute a prática docente na Educação de Jovens e Adultos, vale remetermo-nos a Freire, e sua pedagogia libertadora. Menezes

(2014, p.55) discorre sobre a escolha do conteúdo programático como uma das preocupações que permeiam as discussões no âmbito educacional. Conforme Menezes, Paulo Freire destaca a impossibilidade de existir uma prática educativa sem conteúdo, ou seja, sem objeto do conhecimento. É importante que o ensino dos conteúdos esteja associado a uma leitura crítica da realidade que desvele a razão dos inúmeros problemas sociais.

Em seu artigo Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório, Menezes (2014, p. 56) afirma que os conteúdos não podem ser pedaços de uma realidade, desconectados da totalidade. Ressalta ainda, a importância de se propor aos estudantes aspectos e situações significativas de sua realidade cuja análise crítica permita reconhecer a interação de suas partes, para que, então, eles possam compreender a totalidade, e os conteúdos ganhem significado. Na perspectiva do currículo emancipatório, a tarefa da escola não se restringe a ensinar conteúdos disciplinares, mas deve também desmitificar a realidade para provocar a ação consciente.

A pedagogia de Paulo Freire é relevante sobre a metodologia que deve ser usada pelos educadores da EJA. Visando uma prática condizente com as especificidades e necessidades dos indivíduos que dela fazem parte.

Refletir sobre a prática pedagógica do Educador em EJA, deve considerar o olhar freireano que nos leva a rever, como discorre Menezes (2014, p.56) estratégias de ação, troca de experiências, propositura de políticas e até mesmo assumir o papel de uma Pedagogia capaz de transformar esse cidadão.

É possibilitar a reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos exigindo uma modalidade educativa de qualidade, possibilitando a teoria e prática de novos saberes pedagógicos para aprofundar seus conhecimentos e seus propósitos como profissional da Educação. Este trabalho, entre educador/educando, deve estabelecer relações entre os conteúdos do mundo da vida e os conteúdos estudados, dando possibilidades de ser um cidadão crítico, construir seus próprios argumentos e inseri-lo criticamente numa sociedade onde ele possa fazer a diferença. Coexistindo todos estes aspectos, com certeza poderemos desfrutar de uma prática positiva e emancipatória, que provoque a formação íntegra de todas estas pessoas e assim a sua satisfação, o espírito de

bem-estar e o alcance de seus objetivos iniciais, mas, além disso, também possuem motivação para seguirem em frente e ampliarem mais ainda seus conhecimentos. (MENEZES, 2014, p.56)

Segundo Feitosa (1999, p. 69) Freire atribui ao educando o papel de sujeito da aprendizagem. Está presente nele a preocupação com a educação das classes populares e com a formação para o exercício da democracia e cidadania que só será possível com a democratização das relações na escola.

Em Freire essa preocupação também é explicitada: “O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados” (FEITOSA, 1999, p. 69)

Considerando a Pedagogia de Freire, podemos asseverar que uma prática pedagógica da EJA que considere o contexto social de seus alunos, será uma prática, propensa a alcançar o propósito destinado a educação de jovens e adultos, conforme a própria LDBN 9394/96 discorre em seu artigo 37 § 1º e artigo 38 § 2º, respectivamente, que diz:

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (Lei nº 9394, 1996)

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames. (Lei nº 9394, 1996)

Feitosa (1999, p. 69) chama a atenção para que Freire criou um método de trabalho que incluía o diálogo e o contato com o cotidiano do educando. Utilizava da associação da leitura de mundo à leitura da palavra colocava os educandos em contato com a realidade e mais do que isso levava-os a nela intervir transformando-a e evidenciando sua marca como sujeitos históricos.

5. CONCLUSÃO

A partir dessas análises, foi possível concluir que práticas pedagógicas que considerem a aprendizagem discente da EJA e que transforme o espaço da sala de aula, muito além de um espaço de transferência de informações e de um modelo tecnicista conseguirá contribuir de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem influenciando na formação de um aluno cidadão.

Considerar a autoestima *dinâmica* como a vida e que precisa ser protegida e nutrida é considerar o *bem estar* do aluno como um critério do processo de aprendizagem.

Foi possível considerar o quanto a autoestima influencia no processo escolar dos alunos, e o quanto a prática docente pode cooperar para que o aluno permaneça na EJA.

Quando o aluno sente-se desvalorizado no seu saber, o desinteresse evita o seu desenvolvimento escolar, no entanto, quando ele é valorizado e sua aprendizagem é estimulada através de uma prática pedagógica voltada para o seu conhecimento e desenvolvimento cognitivo sua autoestima cresce e ele se sente incentivado a aprender mais culminando em seu sucesso escolar.

Acreditar que a autoestima é uma ferramenta no processo de aprendizagem da EJA é acreditar em uma educação de jovens e adultos de forma transformadora. Realmente considerar a Pedagogia como libertadora de mente e válvula de escape para uma vida mais igualitária entre aqueles que tiveram por algum motivo o atraso em sua vida escolar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A.; MELLO, R. R. (orgs). **Educação: Pesquisas e práticas**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ANDRÉ, M. et al. **O trabalho docente do professor formador no contexto atual das reformas e das mudanças no mundo contemporâneo**. Revista Brasileira. Est. pedag., Brasília, v. 91, n. 227, p. 122-143, jan./abr. 2010.

ANDRÉ, M. **Formação de professores: a constituição de um campo de estudos**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010.

FEITOSA, S. C. S. **Método Paulo Freire: Princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. São Paulo, 1999. FE-USP.

GARCIA, C. M. **Pesquisa sobre formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Revista Brasileira de Educação, 1998, nº 9, pp. 51-75.

JUNIOR, Plácido Ferreira Lopes. **A autoestima e sua influência no espaço escolar, com a atuação dos orientadores educacional e pedagógico**. 2010. Disponível em:< www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t205693.pdf> Acesso em 12/12/16.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 01/12/16

LIMA, C. M. **Formação contínua do professor de ensino fundamental e educação a distância: Reflexões sobre o potencial de aprendizagem**. In GRANVILLE, Maria Antonia (org). Teorias e práticas na formação de professores. Campinas, SP, 2007.

LÜDKE, M. **O professor da escola básica e a pesquisa**. In CANDAU, Vera Maria. Reinventar a escola. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MEDEIROS, M. K. M. R.; COSTA, E. M. D. **A Autoestima de alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos**. Revista Movimenta, Vol. 5, n 1, 2012.

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. **Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório**. Revista Pro-Posições, v.25, n. 3 (75) p.45-62, set./dez. 2014.

NÓVOA, A. **Professores: imagem do futuro presente**. Lisboa, Portugal: Educa, 2009. Instituto de Educação - Universidade de Lisboa/Alameda da Universidade.

RODRIGUES, N. **Da mistificação da escola à escola necessária**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 54).

SILVA, Marleide Oliveira; ANDRADE, Alcilene Lopes De Amorim. **Autoestima na Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em:

<http://www.unipacto.com.br/revista2/arquivos_pdf_revista/revista2015/10.pdf>

Acesso em 25/11/16.